

Estudo exploratório sobre intolerância política na comunidade virtual Canal Purpura

Exploratory study on political intolerance in the virtual community Canal Purpura

Estudio exploratorio sobre intolerancia política en la comunidad virtual Canal Purpura

Recebido: 22/03/2021 | Revisado: 28/03/2021 | Aceito: 05/04/2021 | Publicado: 15/04/2021

Janaina Loureiro

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0613-9364>

Centro Universitário FIBRA, Brasil

E-mail: janainajlc@gmail.com

Adelma do Socorro Gonçalves Pimentel

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0048-4976>

Universidade Federal do Pará, Brasil

E-mail: pimenteladelma@gmail.com

Resumo

Este texto deriva de uma pesquisa qualitativa aprovada por Comitê de Ética. Objetiva refletir acerca dos discursos feitos na Comunidade *Canal Púrpura* do *Facebook*, que transmitiu conteúdos intolerantes, associados a questões políticas. A coleta dos materiais ocorreu de agosto a outubro de 2018. Utilizou-se a Análise das Redes Sociais e o aplicativo *Netvizz* para localizar as interações publicadas na Comunidade. Dos conteúdos postados, escolhemos os do álbum *Ataques de ódio*, que continham registros de intolerância, ataques de *haters* e *Fake News* direcionados ao *Canal Púrpura* e a sua fundadora. A análise dos conteúdos se deu pela compreensão hermenêutica. Deste modo, nos posts foi possível identificar: registros de violência como única alegação possível para a interação, desrespeito, tentativa de imposição da opinião e retaliação. Assim, os discursos intolerantes analisados nos remetem a uma reflexão sobre a diferença entre o direito, a liberdade de expressão e o discurso de ódio. Considera-se que nas postagens houve a prática da ética individualista, a qual aponta para interesses particulares em detrimento do público. Conclui-se que é cogente o debate acerca da importância do reconhecimento da alteridade e da reciprocidade nas relações interpessoais para enfrentamento da expressão de ódio na *web*.

Palavras-chave: Intolerância política; Pesquisa qualitativa; Facebook; Canal Púrpura.

Abstract

This text derives from an approved qualitative research by the Ethics Committee. It objectifies to reflect about the speech, made in the Community *Canal Púrpura* on *Facebook*, that transmitted intolerant content, associated with political questions. The collection of data happened from August to October 2018. It was utilized the analysis of social media and the *Netvizz* app to locate the interactions published within the community. Of the posted content we've chosen those from the *Ataques de Ódio* album, that contained records of intolerance, hate speech and fake news directed to *Canal Púrpura* and its founder. The analysis of the content was due to the hermeneutic understanding. Thus, we were able to verify in the posts: records of violence as the only possible allegation for the interactions; disrespect, attempts of opinion imposition and retaliation. Thereby, the hate speech analyzed brings us to the reflection about the difference between the rights, freedom of speech and hate speech. It is considered that in these posts there was the practice of individualistic ethics that points to particular interests over the public. It's concluded that the debate about the importance of recognizing alterity and reciprocity in interpersonal relationships is essential in confronting the expression of hatred on the web.

Keywords: Political intolerance; Qualitative research; Facebook; Canal Púrpura.

Resumen

Este texto deriva de una investigación cualitativa aprobada por el Comité de Ética. Su objetivo es reflexionar sobre los discursos pronunciados en la Comunidad *Canal Púrpura* de *Facebook* que transmitieron contenido intolerante, asociado con problemas políticos. La recolección de materiales tuvo lugar de agosto a octubre de 2018. Utilizamos el análisis de redes sociales y la aplicación *Netvizz* para localizar interacciones publicadas en la comunidad. Del contenido publicado elegimos los del álbum *Ataques de Odio*, que contenían registros de intolerancia, ataques de *haters* y *Fake News* dirigidas al *Canal Púrpura* y su fundador. El análisis de los contenidos se realizó mediante la comprensión hermenéutica. Así, en las publicaciones fue posible identificar: los registros de violencia como el único reclamo posible de interacción; falta de respeto, intento de imponer opiniones y represalias. Así, los discursos intolerantes analizados nos llevan a una reflexión sobre la diferencia entre ley, libertad de expresión y discurso de odio. Se considera que en las publicaciones existía la práctica de la ética individualista que apunta a intereses particulares sobre el público. Se concluye que el debate sobre la importancia de reconocer la alteridad y la reciprocidad en las relaciones interpersonales es esencial para enfrentar la expresión de odio en la *web*.

Palavras clave: Intolerancia política; Pesquisa cualitativa; Facebook; Canal Púrpura.

1. Introdução

Nesta escritura, o tema de pesquisa é a Intolerância Política manifesta nas redes sociais virtuais. A noção geral de intolerância remete à “Intransigência contra pessoas que têm opiniões, atitudes, ideologia, crenças religiosas etc., diferentes da maioria” (Dicionário Michaelis, 2019). A reflexão do tema é relevante, visto que o uso da internet está inserido na vivência cotidiana, incluindo os lugares mais remotos da Terra. A massificação da mesma favorece a criação de canais opinativos, educativos etc. Assim, é possível verificar, nas interações que ocorrem no ciberespaço, uma ampla gama de publicações de solicitude, amizade, e postagens de intolerância política, religiosa, de gênero etc.

O estudo deriva de uma pesquisa de mestrado em Psicologia na Universidade Federal do Pará, objetivando verificar expressões de intolerância política manifestas na comunidade *Canal Púrpura* do Facebook, no ano de 2018. O Facebook é uma rede social de relacionamento virtual, criada por Mark Zuckerberg em 2006, que facilita e favorece a interação das pessoas, e o compartilhamento de informações com outros usuários. (Valente, 2018).

De acordo com Klazura (2018), há uma proposital estratégia utilizada por internautas para justificar postagens com manifestações intolerantes, que é situa-las como livre manifestação do pensamento; o que implica dilatar suas fronteiras e proferir discursos de ódio, o que é incompatível com as sociedades democráticas, em que o direito à diversidade de pensamento é garantido por lei, como, por exemplo, na Constituição Federal Brasileira, o artigo nº 215, § 1º da Emenda Constitucional Federal (Brasil, 2017), que garante o direito das minorias, culturas, etnias e povos a manutenção das suas identidades.

O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), da *Web 3.0*, das redes sociais, dos dispositivos móveis (Smartphones) e do acesso público à internet em infocentros, praças etc. potencializa as expressões da manifestação individual e coletiva. Segundo Lemos (2013), Lemos e Lèvy (2010) e Castells (2017), as ações ativas dos usuários de redes sociais – que interagem opinando, argumentando, participando de enquetes, julgando, destruindo reputações, incitando desentendimentos – adquiriram, neste século, uma potência ímpar. Além disso, as redes sociais configuram-se como espaço de expressão e de pertencimento que favorecem a rápida interação com pessoas que partilham opiniões semelhantes. Klazura (2018, p. 514) pondera: “Há que se pesarem os excessos nas redes sociais, as falsas informações, o discurso de ódio, o preconceito e a intolerância”.

No Brasil, em 2018, decorria grande insatisfação política no país, assim verificou-se nas campanhas virtuais para eleições presidenciais da República, o aumento da manifestação de intolerância (Castells, 2017). Levando em conta o contexto citado, hipotetizou-se que os internautas postavam mentiras e conteúdos intransigentes se valendo do equívoco da impunidade, oriunda da ideia (falsa) de anonimato; portanto, algumas publicações nas redes sociais manifestavam ausência de filtros da cortesia na escrita, apresentando teores agressivos e intolerantes. Para situar nossa argumentação organizamos este texto em quatro seções interligadas: a) Considerações sobre a Intolerância e a Tolerância; b) Metodologia; c) Resultados e discussão; d) Considerações finais.

Considerações sobre a Intolerância e a Tolerância

Articulamos um diálogo entre as premissas da tolerância e da intolerância como fundamento da crítica radical que tecemos a segunda. No dicionário virtual Michaelis (2019), a palavra intolerância tem o significado de “falta de tolerância; rigidez e intransigência contra pessoas que têm opiniões, atitudes, ideologia, crenças religiosas etc., diferentes da maioria”; enquanto que no Dicionário Aurélio (2019), o termo tolerância é definido como: “boa disposição dos que ouvem com paciência opiniões opostas as suas”. Deste modo temos que, sem a escuta respeitosa das opiniões do outro se instala na comunicação virtual do eu, a intolerância, negando-se a aceitar posições diferentes

Com o uso da internet, amplia-se a dificuldade em respeitar a expressão da diversidade e dos pontos de vista distintos.

Por conseguinte, a percepção do “outro” é afetada pelo desconhecimento, sobretudo, por meio do preconceito, discriminação, homofobia, racismo, maniqueísmo, divergências políticas e religiosas, oriundas da não aceitação da subjetividade do outro. Tais formas de expressão presentes nas postagens virtuais caracterizam a intolerância e associação a discursos totalitários que aspiram monopolizar a verdade, tentando destruir a pluralidade do pensamento (Pimentel, 2017, 2018).

Ações de intolerância estão conexas à organização das sociedades e registradas por historiadores e filósofos. Por exemplo, Voltaire, no ano de 1763 publicou a obra *Tratado sobre a Tolerância*, em que referiu inúmeras amostras de práticas de intolerância, de querelas entre ordens religiosas; de testemunhos contra a intolerância, em matéria de religião; dos abusos da intolerância. Voltaire (2011, p. 23) ressaltou que “A tolerância nunca provocou guerras civis; a intolerância cobriu a terra de morticínios”. Para exemplificar o diálogo necessário entre tolerância e intolerância recortamos um trecho da obra de Voltaire: A morte de Jean Calas, em Toulouse, França, que ilustra a destruição da vida do personagem como limite da intolerância, e nos convoca a proceder com prudência e tolerância:

Jean Calas, 68 anos de idade, comerciante em Toulouse era reconhecido por todos que como sendo um bom pai. Ele era protestante, assim como sua mulher e todos os seus filhos, exceto por um, a quem o pai dava uma pequena pensão. Ele chegou a aprovar a conversão de seu filho, Louis Calas; e tinha a seu serviço, vivendo em sua casa havia trinta anos, uma criada que era católica praticante, quem havia criado todos os seus filhos. Um dos filhos de Jean Calas, chamado Marc-Antoine, era um homem de letras, dotado de um espírito inquieto, sombrio e violento. Esse jovem, se havia decidido a pôr fim à sua vida e indicou tal propósito a um de seus amigos. Finalmente, certo dia em que perdera todo o seu dinheiro no jogo, decidiu-se a executar o seu propósito. Um amigo seu e de sua família, chamado Lavaysse, foi jantar em casa dos Calas. O pai, a mãe, Marc-Antoine, e Pierre fizeram a refeição juntamente com ele. Após o jantar, todos passaram para um pequeno salão, mas Marc-Antoine desapareceu; por fim, na hora em que o jovem Lavaysse decidiu sair, Pierre Calas e ele desceram e encontraram Marc-Antoine no andar térreo, em que funcionava a loja, vestido somente com as roupas íntimas e enforcado no gancho de uma porta, sua casaca dobrada sobre o balcão; não apenas sua camisa estava arrumada, como seus cabelos estavam bem-penteados: ele não tinha no corpo qualquer ferida, não apresentava nenhuma contusão. Descrevemos aqui todos os detalhes a que os advogados deram atenção; não descreveremos em absoluto a dor e o desespero do pai e da mãe; seus gritos chegaram a ser escutados pelos vizinhos. Lavaysse e Pierre Calas, fora de si, correram em busca de médicos e foram avisar a polícia. Enquanto eles desempenhavam esse dever, ao mesmo tempo em que o pai e a mãe soluçavam e derramavam lágrimas, o povo de Toulouse começou a reunir-se diante da casa. Essa gente é supersticiosa e pronta a enfurecer-se: considera como monstros seus irmãos que não pertencem à mesma religião que eles. Embora reconhecido como “bom pai, (...) protestante”, Calas foi morto sem que tivesse matado o filho. Foi condenado, antes de julgado com a contribuição da multidão que o acusara. A dinâmica do seu linchamento assemelha-se ao que na atualidade nomeia-se de linchamento virtual (Lewis, 1992).

Sobre o arquétipo da tolerância apontamos a contribuição de Droit (2017) ,

Tolerância forte é reconhecer aos outros direitos de pensar o que pensam ser o que são e fazer o que fazem. Ou seja, quando toleramos assim, de maneira forte e plena, o que uma pessoa faz, isso significa que reconhecemos sua liberdade total de fazer o que quiser, quer se trate de praticar sua religião ou qualquer outra coisa, mesmo que não concordemos com ela (Droit, 2017, p. 22).

As referências apostas em Voltaire (2011) e Droit, (2017) permitem-nos concluir que o reconhecimento da alteridade, por meio da ação ética, é um dos caminhos que favorece a expansão das práticas tolerantes, o enfrentamento das intolerantes e o relacionamento com as diferenças. As interações nas redes sociais exigem abertura para acolher a diferença, bem como elaborar estratégias para a proteção dos relacionamentos em meios digitais, de modo a evitar provocar sofrimento humano. O diálogo é outra estratégia que os internautas dispõem, no que se refere à manifestação virtual da intolerância. Para Buber (1982, p. 8): “(...) diálogo é a atitude um-para-com-o-outro, cujo elemento mais importante é a reciprocidade da ação interior”. Por isso, favorecer a composição de relações tolerante requer a mediação do diálogo, da relação ética como a condição da convivência democrática da igualdade e da diferença.

2. Metodologia

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética do Centro de Ciências da Saúde, obtendo-se a autorização de nº 3.198.695 para realizar a pesquisa, em uma abordagem fenomenológica hermenêutica da intolerância, ou seja, procurando depreender as intencionalidades e os significados, presentes nas postagens (Ricoeur, 1991).

Para apreender acontecimentos relacionados à intolerância política, presentes nas postagens da comunidade escolhida, utilizamos a *hashtag* #discursodeodio. Empregando o aplicativo *Netvizz*, fomos direcionados para a comunidade *Canal Púrpura*, que possui um álbum com registros de ataques *haters* com discursos de ódio. O aplicativo *Netvizz* é uma ferramenta gratuita do próprio Facebook, que permite a retirada de dados de postagens feitas em grupos e comunidades. Tal aplicativo é utilizado para a análise de métricas, isto é, a verificação de acessos e ramificações de diversos formatos midiáticos como imagens, comentários e curtidas. Assim, identificou-se o contexto de pesquisa, via critérios de inclusão: abordagem de temas envolvendo política; ter comentários que denotavam intolerância política; e o direcionamento do *Netvizz*. Os critérios de exclusão das comunidades foram não apresentar conteúdos de intolerância política e não estar listada pelo *Netvizz*. Também estabelecemos comunicação por e-mail com a fundadora da Comunidade *Canal Púrpura*¹, Mariana Motta, dela obtendo autorização escrita para a pesquisa. A comunidade foi criada em dezembro de 2016, e atualmente tem 49.300 seguidores. Segundo Mariana Motta, os temas abordados são relacionados à Sociologia e à Política, com enfoques diversificados, por exemplo: consciência política, machismo, meios de opressão, homofobia, legalização do aborto, desigualdade social e pautas identitárias.

A coleta de dados ocorreu no período de agosto a outubro do ano de 2018. Os materiais se constituem de postagens: publicações de textos, imagens e vídeos. Ressaltamos que, há outras mídias sociais ligadas ao *Canal Púrpura*, (Instagram, YouTube, Twitter), em que ocorreram ataques de ódio a criadora do canal, porém não as incluímos nas análises. Dos conteúdos, escolhemos para as análises qualitativas, postagens do álbum intitulado *Ataques de ódio*. No período da coleta de dados, o mesmo tinha 108 registros de intolerância dos ataques de *haters*, disseminando o discurso de ódio e *Fake News*, direcionados para o *Canal Púrpura* sua fundadora.

As publicações não são organizadas em uma ordem cronológica, entretanto, foram intensificadas durante a campanha eleitoral para a presidência do Brasil. Devido à impossibilidade de apresentar todos os registros, aqui ilustramos o texto usando cinco posts, retirando alguns aspectos contidos na dinâmica dos ataques. Incluímos nos resultados, o discurso da criadora da comunidade integrado as análises. Os argumentos referentes à posição dos colaboradores da pesquisa foram apresentados em itálico para sobressair suas posições. Na métrica de interações foi possível verificar que houve a maior publicação de vídeos e imagens. No formato do filtro, foi muito frequente ocorrer o acúmulo e a sobreposição de interações entre o nó principal que foi o *Ataque de Ódio* na Comunidade do *Canal Púrpura*. As postagens da comunidade virtual *Canal Púrpura* foram estudadas com a utilização da Análise de Redes Sociais (ARS) que é um instrumento que permite desvendar as ações e as interações dos atores sociais presentes no contexto virtual. As contribuições da ARS para o estudo em redes sociais surgiram no começo do século XX. Segundo Amaral, Fragoso e Recuero (2016, p.115): “(...) ao estudar as estruturas decorrentes das ações e interações entre os atores sociais, é possível compreender elementos a respeito desses grupos e, igualmente, generalizações a seu respeito”.

3. Resultados e Discussão

Posicionamento da fundadora Comunidade do *Canal Púrpura*

Mariana Motta relatou que a proposta inicial da criação da comunidade era ter um ambiente para registros das suas ideias, sobretudo, *ter um canal, um meio de desabafo sobre questões sociológicas que me causavam certos*

¹ Disponível em: https://www.facebook.com/pg/canalpurpura/about/?ref=page_internal. Acesso em: 30 out. 2018.

incômodos. Com o crescimento do volume de publicações, cogitou a ideia de organizar as publicações e produzir um livro, entretanto, *não dei sequência a ideia, pois acreditava que limitaria o alcance ao conteúdo publicado*.

Para melhorar o acesso, a ideia da elaboração do livro foi substituída pela criação de um blog, com um formato diferenciado, com textos mais curtos e concomitantemente a produção de roteiros de vídeos mais simples e diretos. De acordo com Mariana, *O primeiro vídeo (sem data mencionada) retratou o panorama geral do cenário político do Brasil. Uma abordagem que teve o formato de um resumo para um público estrangeiro, para que fosse compreendido por meio de uma abordagem leve e de fácil acesso. A produção dos vídeos passou a ser semanal e o canal foi se desenvolvendo até chegar no formato e no fluxo de trabalho atual*.

Os primeiros comentários ofensivos sofridos no meio virtual ocorreram alguns meses após iniciar a publicação dos vídeos, *os comentários traziam ofensas pessoais ou mesmo ameaçadoras. Fiquei muito assustada e, isso influenciava na minha qualidade de vida durante o decorrer da semana. Era deprimente ver pessoas destilando ódio só por não concordarem com o conteúdo dos vídeos. Mas, foi exatamente por conta do teor e da quantidade de comentários de ódio que eu passei a lidar com eles de maneira mais leve: percebi que o ódio não se dirigia a mim, mesmo que a pessoa tentasse me atacar. Era sempre motivado pela exposição de ideia que, para essa pessoa, era inadmissível*.

Inicialmente, os comentários eram respondidos por Mariana Motta de maneira educada, às vezes, irônica, reativa e contra argumentativa, porém, sempre com diplomacia. Sua família também acompanhou a reação de comportamento obsessivo de alguns *haters* que comentavam muitas vezes, produziam vídeos e que faziam a análise do conteúdo de maneira grosseira e repleto de ofensas.

Diante dos ataques, Mariana Motta passou a coletar nomes e perfis dos *haters* com a intenção de monitorar e denunciá-los à polícia, entretanto, *nunca cheguei a fazer por falta de tempo e de conhecimento sobre o que fazer nesses casos. Mas, considero importante denunciar para desmistificar a falsa impressão sobre a Internet ser uma Terra sem Lei*.

Com o crescimento do fluxo de trabalho, os ataques com conteúdo intolerante, relacionado à política, passaram apenas a serem lidos e não respondidos. Mariana Motta os acompanhava para verificar os tipos de *feedback* direcionados as postagens, aos assuntos e, eventualmente, excluir os comentários que agrediam outros seguidores ou que baixavam o nível do debate com uso de palavras pejorativas e palavrões. Ela também realizava o registro do comentário e compartilhava nas redes do canal para expor algum tipo de comportamento de ódio e provocar reflexões dos seguidores. Por recomendação jurídica, os nomes e as imagens das pessoas eram preservados, pois poderia sofrer alguma punição, caso a pessoa fosse vítima de linchamento virtual, em uma possível viralização do print postado. Segundo Mariana Motta, *a participação dos seguidores do canal é intensa. Sempre reagem e discutem com haters em posts, seja defendendo meu posicionamento, seja me defendendo, seja observando a falta de capacidade argumentativa dos comentários ofensivos*.

A concepção de intolerância política de Mariana Motta resulta da despolitização e do terrorismo ideológico promovido pela comunicação de massa, que tem o intuito de estruturar a consciência política da sociedade com base em falácias do senso comum. Com isso, as pessoas agem movidas pelo desprezo e pelo medo de ideias que elas, geralmente, sequer conhecem.

A fundadora considera também que estamos vivendo a Era dos memes, em que um debate é muito mais difundido se for feito com imagens, respostas prontas e fáceis; porém, falaciosas, isto é, com um conteúdo mentiroso, elaborado para atingir as emoções das pessoas; sem uma coerência lógica, verificando-se a falta de uma argumentação detalhada e consistente. Assim, a produção de um texto bem elaborado perde lugar para o uso de imagens debochadas com apelo para compartilhar. Em consequência, as pessoas passaram a rotular ainda mais aquilo que acreditam contrariar seus interesses.

Parece que o uso da internet – em algumas comunidades virtuais, como o *Canal Púrpura* – estabelece um front de guerra com soldados programados para “destruir” discursivamente o diferente que lhes pareça “perigoso”. Considera-se que faz parte

desse processo “colar” o rótulo de *perigoso* nas postagens, comentários e críticas de pessoas e grupos que contrariam os interesses do grande capital e do pensamento hegemônico.

Em virtude de muitos ataques de *haters* com diversas ações intolerantes, os registros passaram a ser feitos no álbum, criado especificamente para o assunto com o nome de *Ataques de Ódio*, mantido na página do *Canal Púrpura*. Destaca-se no álbum a agressão que Mariana Motta considerou mais invasiva devido à ameaça contida na afirmação: “Essa mulher não serve nem para estupro”. Houve também promessa de ataques que seriam feitos pessoalmente, pois a pessoa, que publicou no Canal, disse: “vou com minha equipe até onde você estiver fazendo suas *lives* para dar uma lição”. Segundo ela, o sentimento vivenciado diante das ameaças a deixou temerosa, mas não a impediu de prosseguir com o canal. A postagem provocou grande repercussão entre os seguidores, com intensas manifestações de denúncias do perfil, comentários em defesa da integridade feminina e repúdio ao ato intolerante.

Conteúdos intolerantes no álbum “Ataques De Ódio”

Os conteúdos do álbum podem ser acessados por todos os usuários, que interagem por meio de comentários, compartilhamentos e curtidas. Os nomes dos autores que fizeram os ataques de ódio foram excluídos pela gestora do Canal. Dentre as postagens, chamou nossa atenção as que transmitiam fulgente registro de discursos agressivos, em postagens intolerantes sobre questões ideológicas e misóginas, diminuição da imagem da mulher e desigualdade de gênero. Nas postagens, foram usados *Emojis*, ícones que representam emoções e foram criados no final dos anos 90 para dialogar sem a formalidade presente na língua culta. No álbum “ataques de ódio” foram usados, sobretudo, o símbolo “grr”, para a emoção ligada à intolerância.

Na Figura 1, apresentamos os símbolos dos *Emojis* utilizados no Facebook como opções de reações: “curtir”, “amei”, “haha”, “uau”, “triste” e “grr”.

Figura 1. Emojis do Facebook.



Fonte: *Facebook*.

Na sequência da discussão, apresentamos trechos ilustrativos dos comentários intolerantes, extraídos dos *posts* feitos no *Canal Púrpura* direcionados a sua fundadora. Na Figura 2, é possível verificar as seguintes interações: 25 comentários, 3 compartilhamentos e 60 interações, das quais: 1 – alegre; 35 – curtir; 7 – triste; 1 – uau; 16 – grr. O *post* recebeu 29 comentários e 3 compartilhamentos.

Figura 2. Ataques haters intolerantes (utilizando #discursodeódio). Publicação do dia 21 de agosto de 2018.



Fonte: Canal Púrpura.

As postagens evocaram reações feitas pelos seguidores da comunidade:

Márcia – “Duas coisas q eu tenho certeza de FASCISTAS, são burros e sem CARÁTER, entre outras”.

Carmen – “DIREITA”. São sempre assim. cabeça de ovo. Como não têm argumentos para debate recorrem a baixaria”.

Irene – “Mal caráter são eles, mas sempre repetem isso pra continuar a confundir a cabeça dos alienados”.

Jamila – “Fazem tanta força para evoluir que se borram tentando, sobra uma avalanche de merda, todo fascista é estúpido”.

Amanda – “Vagabundos escrotos, covardes detestam mulher tudo fresco irrustido!”

Rogério – “O que me deixa perplexo é uma galera da terceira idade xingando quem tem uma posição política diferente deles ... Vergonha dos carinhos velhos que não mantem o respeito ... Ou seja nada valeu seu tempo de vida aqui na terra, continuam os mesmos idiotas e vão morrer idiotas”.

Observou-se, nas réplicas da postagem, a mesma postura de intolerância. Houve uma alegação dos seguidores da comunidade, igualmente eivada de componente ideologizado, em um ponto de vista oposto ao dos *haters*. Foram usadas palavras com o propósito de intimidar, provocar e assediar entre si as pessoas ligadas, direta ou indiretamente a comunidade. As postagens envolveram a tentativa de diminuição dos oponentes, hostilizando-os, tachando de “burro”, de “pensamento pequeno”.

Na postagem apresentada na Figura 3, registramos o discurso de ódio por meio de um texto em que expressava assédio, violência de gênero, misoginia. Registramos as seguintes interações: 28 comentários, 10 compartilhamentos e 108 interações; dos quais: 60 – grr; 24 – triste; 23 – curtir; 1 – uau. Notamos a falta de argumentação na composição dos discursos, com predomínio da agressão verbal. Na Figura 3, o discurso foi composto por ofensas, inclusive com ameaça de abuso sexual, utilização de nomes pejorativos.

Figura 3. Publicação do dia 14 de agosto de 2018.



Fonte: Canal Púrpura.

No post da Figura 4, constata-se a diminuição da liberdade, intolerância política e comentários de inferioridade em virtude do pensamento. Registramos as seguintes interações: 24 comentários, 11 compartilhamentos e 119 interações; das quais: 5 – grr; 23 – triste; 83 – curtir; 1 – uau; 7 – alegre; e expressões dos integrantes:

João – “*Bando de analfabetos desumanos*”.

Gisele – “*Mais um pobre achando e Elite ... a mordaza é pra mim e pra vc seu burro*”.

Felipe – “*...esta raça não entende nunca...*”

Telma – “*se e triste votar contra a ditadura me desculpe mas vc merece a ditadura*”.

Figura 4. Publicação do dia 4 de agosto de 2018.



Fonte: Canal Púrpura.

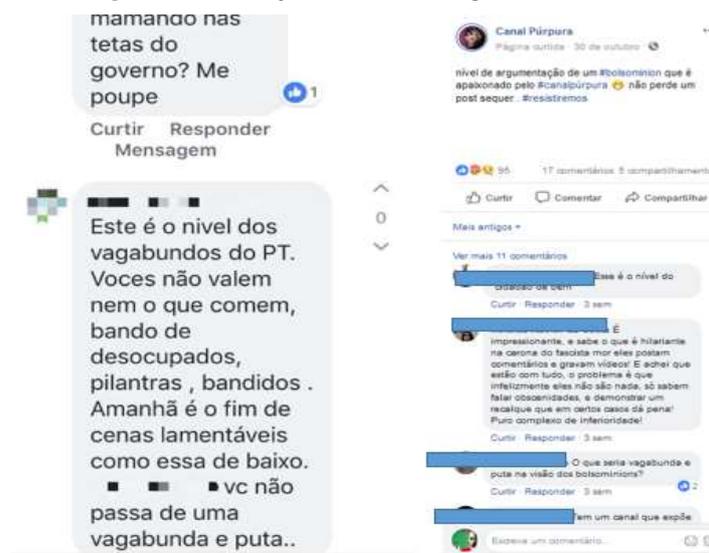
Notamos que a democracia nas postagens foi tratada como mero jargão frente a tentativa de imposição ideológica. Ponderamos que a ausência de civilidade, o desrespeito a liberdade de expressão, a ausência de conhecimento com base na filosofia, na sociologia, na antropologia, pode criar radicalismos desrespeitosos, semelhantes às postagens, que desencadeiam

discursos intolerantes.

Para Quadros (2018, p. 205), o conceito de pós-verdade expõe “a simulação que a verdade obedece a um ritual de mimesis contínua da verdade real a fim de se testar o máximo possível a reação do aparato comunicacional até que esse finalmente venha a se constituir em um simulacro perfeito, em que as redes de signos artificiais se condensam e se imbricam inextricavelmente com os elementos do real, numa espécie de hibridismo aparente entre realidade e simulação, verdade e não-verdade, fato jornalístico e acontecimento ficcional”. No post da Figura 4, é possível identificar que as manifestações de diminuição da liberdade, a intolerância política e a inferioridade em virtude do pensamento distinto reforçaram o fenômeno contemporâneo da pós-verdade, que define que as circunstâncias – nas quais fatos objetivos se constituem – têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou crenças pessoais, sendo mais vulnerável a falsificações e manipulações.

A interpretação dos discursos presentes nas interações nos remete a associar as reflexões ao conceito de *Espectáculo* de Guy Debord (1997). Para o autor, o imaginário é criado pela mídia, pela comunicação em massa, tão facilmente divulgada pelas redes sociais e que atingem diversos segmentos, entre eles o campo político. A multiplicação de recortes intolerantes mostra que “o espetáculo é a aparência que confere integridade e sentido a uma sociedade esfacelada e dividida” (Debord, 1997, p. 11).

Figura 5. Publicação do dia 30 de agosto de 2018.



Fonte: Canal Púrpura.

A Figura 5 registra a violência verbal como única justificativa possível para aqueles que se intitulam *cidadãos de bem*. Tal postura está associada ao momento político brasileiro e mundial, orientado pela pós-verdade e pelo marketing digital, cujas características subliminares exploradas são o maniqueísmo aplicado às pessoas e a sociedade divididas, em *bons versus* maus. Neste cenário, a imposição de uma opinião e a retaliação constituem uma polaridade básica.

Figura 6. Publicação do dia 30 de outubro de 2018.



Fonte: Canal Púrpura.

A Figura 6 mostra a repercussão que os ataques intolerantes tomaram no *álbum de ódio*. Registramos as seguintes interações: 16 comentários, 15 compartilhamentos e 140 interações: 80 – alegres; das quais: 50 – curtir; 4 – triste; 3 – uau; 2 – amei; 1 – gr. Nelas, a disseminação do ódio por meio de compartilhamentos foram a maneira de alcançar ampla visibilidade aos *haters*. A propagação do ódio pela rede nos pareceu ter o objetivo de veicular a intenção de dispersar o que não é tolerável, mostrando os ataques para um público diversificado que encontramos no ciberespaço das redes sociais. Ao usar a web para propagar tal posição, os *haters* buscavam influenciar outros internautas a partir da identificação com o assunto. Assim, verificou-se que a comunidade *Canal Púrpura* se tornara vitrine da sociedade do espetáculo.

As imagens são os registros de publicações apresentadas, nas quais é possível delinear aproximação entre os conteúdos e o conceito de “verdade factual”, que “tal como ele foi pensado pela filósofa Hannah Arendt, um possível valor ético capaz de ordenar a prática dos que trabalham com informação orientados pela disposição de preservar e fortalecer a cultura democrática” (Bucci, 2018, p. 20). Hannah Arendt (1999) reconheceu a contribuição da base de fatos que é a verdade, ou seja, a informação que pode ser certificada e mostrada, em que a mídia possui um papel capital e emancipado para constatar esta verdade, o que vem sendo perdido nas interações nas redes sociais com a propagação das *Fake News*.

Desde o ano de 2016 a democracia mundial é caracterizada pelo fenômeno da pós-verdade como na eleição de Donald Trump, que foi repleta de *Fake News* e propagandas fraudulentas, notou-se que, nos estados de democracia mais consolidados, as referências sobre as verdades de fatos ou “verdades factual” perderam a importância da verificação confiável e segura dos fatos e dos acontecimentos, impactando as eleições majoritárias nos EUA e no Brasil, bem como aumentando o uso da internet para as campanhas políticas, com uso de estratégias de marketing digital pautado nas redes sociais. Ressaltamos, no Brasil, dois momentos marcantes: em 2016, o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, processo caracterizado por intensa polêmica e divergência de opiniões manifestas nas redes sociais virtuais; em 2018, o período das eleições presidenciais entre os candidatos Jair Bolsonaro e Fernando Haddad.

A saída do Reino Unido da União Europeia, conhecida como Brexit, e as eleições estadunidenses ofereceram contextos para que os debates políticos fossem eivados de conteúdos de intolerância política e *Fake news*, um termo que aponta o uso de mentiras pelos políticos e apoiadores; a disseminação de notícias falsas foram publicadas nas mídias virtuais, e o público absorveu como “verdadeiras”, o que gerou conflitos intolerantes em virtude da polarização ideológica. Quadros (2018, p. 207)

“considera o discurso patológico dos argumentos lógicos que advêm da vontade irrestrita e condicional acaba por imperar sobre a ótica do saber complexo, metacognitivo, sistematizado, histórico e reflexivo, que tem seu lugar subtraído em relação a um discurso raivoso, grotesco e intimidador no jogo das relações de poder na esfera democrática”.

No contexto do Espetáculo e da Pós-verdade, a disseminação do discurso de ódio que expressa enfaticamente a violência, para os *haters*, é considerado um padrão “normal” de conduta. Nesses cenários impera a falta de ética, do diálogo, da hostilidade e da violência, que são as armas mais usadas para oprimir o pensamento e o contraditório.

4. Considerações Finais

No artigo buscou-se apresentar e discutir aspectos sobre o discurso de intolerância política na Comunidade Virtual *Canal Púrpura*. Percebeu-se a prática da cultura do medo, imposta pelos *haters* que postavam conteúdos intimidatórios na comunidade estudada. A tentativa de manipular as pessoas é muito utilizada por políticos para controle das massas e para manter-se no poder. Nesta lógica, situa-se a dificuldade em aceitar as diferenças, assim como a percepção da eminência de ameaça por aquele que não é semelhante. Tal atitude visa promover o isolamento virtual e concreto de grupos, cujas práticas culturais não se coadunam com a dos governantes que são orientados por ideologias nacionalistas.

Nos posts, identificou-se registros de violência verbal como única alegação possível na interação. Tanto nas respostas dos aliados do *Canal Púrpura*, quanto nas dos *haters*, evidenciou-se o desrespeito, restando “apenas” a tentativa de imposição de que apenas uma opinião é válida e se for contrária sofrerá retaliação. Assim, os discursos intolerantes analisados nos remetem a uma reflexão sobre a diferença entre o direito, a liberdade de expressão e o discurso de ódio. O que se espera de uma interação baseada no respeito e na tolerância?

Uma resposta embrionária indica a prática da ética individualista que aponta para interesses particulares em detrimento do público. Para nós, é cogente o debate acerca da importância da ética do justo, o reconhecimento da alteridade e da reciprocidade nas relações interpessoais para enfrentamento da expressão de ódio na *web* (Ricoeur, 1991, Buber, 1982).

Identificamos que nos tipos de expressão dos discursos intolerantes no *Canal Púrpura* havia desqualificação pessoal, *Fake News* e preconceito, um tipo de discurso frequente na intolerância política, contendo ofensas de racismo, transfobia, gordofobia, machismo, elitismo, misoginia, entre outros. Para Fantini (2012, p. 68):

(...) reservamos nossas emoções mais virulentas (agressão, ódio, inveja) para aqueles que mais nos lembram e nos ameaçam por essa semelhança, muito mais do que aqueles com quem temos pouca coisa em comum. Para isso, diz ele, haveria um processo no sentido de estigmatizar o outro com pequenas diferenças que construiriam o estranhamento deste outro e a segregação nos grupos.

Os comentários, curtidas e compartilhamentos com uso dos Emojis nos ataques intolerantes veicularam conteúdos simbólicos, tentando apontar hierarquia entre as pessoas, com posições favoráveis e as discordantes do tema exposto. Os registros nos remetem ao acirramento da separação entre o **nós** e os **diferentes**, o que expressa bem o antagonismo que percebemos atualmente: o diferente é sempre o errado, é aquele que precisa ser execrado, extirpado da sociedade para que o **nós** possa viver em paz. O diferente é a causa de todos os nossos problemas. No antagonismo político do Brasil das eleições presidenciais, a dicotomia se apresentou na relação **coxinhas versus mortadelas**.

A comunidade estudada pode ser uma referência da disseminação do fenômeno contemporâneo da pós-verdade, que relaciona contextos em que fatos objetivos não influenciam tanto na formação da opinião pública quanto a rotação à emoção ou crenças pessoais. Mariana Mota também representou o desrespeito a que muitas mulheres são submetidas em publicações virtuais feitas por homens, por meio de um ataque a moral às mulheres e da disseminação do ódio. Para os *haters*, tais ações são consideradas usuais e validadas pela ampla visibilidade alcançada com a expressão dos ataques, pelos compartilhamentos, pela

reduzida crítica e punição pelo Estado democrático de direito.

Ensejamos que este texto inspire mais profissionais das várias áreas das ciencias humanas, das letras e da comunicação, bem como os da Tecnologia de Informação e Comunicação para avançar no estudo do tema da intolerancia em meios virtuais, uma fonte para a degradação da condição humana nos tempos difícies em que vivemos.

Agradecimentos

A Mariana Mota, proprietária da Comunidade Canál Púrpura que autorizou a coleta da pesquisa; ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Pará.

Referências

- Amaral, A., Fragoso, S., & Recuero, R. (2016). *Métodos de pesquisa para internet*. Sulina.
- Arendt, H. (1999). *Eichmmam em Jerusalém*. Companhia das Letras.
- Brasil (2017). *Constituição Federal Brasileira*. Emenda Constitucional n. 96, de 06 de junho de 2017. Seção II da Cultura. https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_06.06.2017/CON1988.asp.
- Buber, M. (1982). *Do diálogo e do dialógico*. Editora: Perspectiva.
- Bucci, E. (2018). Pós-política e corrosão da verdade. *Revista USP*, 116, 19-30. <http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/146574/140220>.
- Castells, M. (2017). *Redes de Indignação e esperança: movimentos sociais na Era da internet*. Zahar.
- Debord, G. (1997). *A sociedade do espetáculo*. Contraponto.
- Dicionário Aurélio. (2019). *Tolerância*. <https://www.dicio.com.br/houaiss/>
- Dicionário Michaelis. (2019). *Intolerância*. <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/>
- Droit, R.-P. (2017). *Tolerância: o que é? Por que é importante? É possível nos dias de hoje? Como educar para tolerância?* Contexto.
- Fantini, J.A. (2012). Aquarela da intolerância. *Leitura flutuante*, 4, 59-84. <https://goo.gl/14zbKX>.
- Klazura, M.A. (2018). Redes Sociais e Política: Um Campo de Disputas ou de Batalhas? *Caderno Humanidades em Perspectivas - I Simpósio de Pesquisa Social e I Encontro de pesquisa em Serviço Social*, 512-523.
- Lemos, A. (2013). *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. Sulina.
- Lemos, A., & Lèvy, P. (2010). *O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária*. Paulus.
- Lewis, M. (1992). *Shame: the exposed self*. Free Press.
- Pimentel, A. S. G. (2018). *Prática Clínica em Meios Virtuais - A Psicoterapia em Interface com as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs)*. Curitiba: Juruá.
- Pimentel, A. S. G. (2017). Reflexões Sobre a Clínica Gestáltica Virtual. *Revista IGT na Rede*, 14(27), 218-232. <http://www.igt.psc.br/ojs>
- Quadros, P. S. (2018). Ética jornalística para o século XXI novos desafios, velhos problemas. *Media & Jornalismo*, 18 (1). <http://www.scielo.mec.pt/pdf/mj/v18n32/v18n32a15.pdf>
- Ricoeur, P. (1991). *O si-mesmo como um outro*. Papirus.
- Valente, J. (2018). Facebook chega a 127 milhões de usuários no Brasil. *Agência Brasil*. <http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2018-07/facebook-chega-127-milhoes-de-usuarios-no-brasil>.
- Voltaire. (2011). *Tratado sobre a Tolerância: por ocasião da morte de Jean Calas*. L&PM Pocket.